

DESIGUALDADE SOCIAL E MEMÓRIA ENTRE FAVELADOS IDOSOS: DESAFIOS CULTURAIS*

Doraci Alves Lopes**
Juliana Daros Carneiro***

Resumo: Este é um estudo sobre trabalhadores idosos, da Favela do Beco em Campinas. O objetivo é discutir a memória sob a perspectiva do conceito de 'nova desigualdade' e da crítica ao termo 'exclusão social'. Esses trabalhadores enfatizam a importância de um legado moral e ético recebido de seus antepassados. Porém, diante das novas gerações, demonstram sofrimento e sentimentos de ruptura no desejo de transmissão oral de certos valores culturais. Indaga-se se este é um novo desafio para os estudos da memória social das classes trabalhadoras, diante do agravamento das desigualdades sociais.

Palavras-chave: Nova desigualdade social. Memória. Exclusão. Favela. Identidades sociais.

Abstract: This research concerns senior workers living in the shanty town 'Beco de Sousas' in the city of Campinas (SP). The aim is to rethink the concept of 'new inequality' in order to review the term 'social exclusion' and discuss issues related to the transmission of moral, ethical and identity values. These workers inherit from their ancestors certain moral and ethical values. Nonetheless, they feel uneasy about the new generations. So diverse life experiences require rethinking the studies conducted based on workers social memory given the growing inequality in society.

Keywords: New social inequality. Memory. Exclusion. Shanty town. Social identities.

* Trabalho apresentado no 35º Encontro Nacional de Estudos Rurais e Urbanos, CERU, FFLCH-USP, maio 2008, sob o título *Memória e nova desigualdade: favela do Beco de Sousas em Campinas (SP)*.

** Profa. Dra. Doraci Alves Lopes. Laboratório de Estudos Sociedade, Ética e Cidadania (LESEC/2006-2007). Faculdade de Ciências Sociais, CCHSA, PUC-CAMPINAS.

Endereço: Rua Cosme Velho, n.20, complemento 1285. Condomínio Caminhos de San Conrado. Sousas, Campinas (SP), CEP 13104-090. Fones: 19-21213918; 19-91561267; doraci@puc-campinas.edu.br

*** Juliana Daros Carneiro. Bolsista IC-FAPIC/Reitoria 2006-2007. Laboratório de Estudos Sociedade, Ética e Cidadania (LESEC). Faculdade de Ciências Sociais, CCHSA, PUC-CAMPINAS.

Endereço Rua Dr. Antonio Álvares Lobo, n. 783, bairro Botafogo, Campinas (SP), CEP 12020-110; Fone: 33872619; ju_daros@yahoo.com

INTRODUÇÃO

Tomando por base um estudo de caso sobre a Favela do Beco no distrito de Sousas em Campinas (SP), o desafio deste estudo foi pensar certos problemas da sociedade contemporânea sob a perspectiva de uma reflexão crítica sobre a memória, desigualdade e exclusão social. Levando-se em conta os fenômenos sociais de transmissão oral de certos valores morais e éticos das classes trabalhadoras, o intuito é trazer ainda uma contribuição para a história de Campinas e do distrito de Sousas tomando por base o estudo realizado entre os moradores idosos dessa favela.

A relação entre essas distintas abordagens conceituais - ‘desigualdades sociais’ e ‘memória’ - levam a indagar sobre possibilidades e limites de continuidade dos processos de estruturação de identidades sociais de gerações que vivenciam um intenso ‘apartheid’ sócio-espacial. O enfoque se situa no debate sobre a ‘nova desigualdade’ ou ‘nova pobreza’, dependendo da posição dos autores, que discutem as transformações do mundo do trabalho no capitalismo contemporâneo.

Primeiramente analisa-se o questionamento existente em torno do conceito de ‘exclusão social’ invariavelmente associado ao de ‘desigualdades sociais’ e presente em diversos domínios das ciências humanas e do senso comum. Em seguida aborda-se o tema da ‘memória social’, por se tratar de um dos mais relevantes temas das ciências humanas para se pensarem os processos de construção e reconstrução de identidades sociais. Na parte final do artigo são problematizados determinados limites levantados pelo estudo quanto à transmissão oral de valores morais e éticos sobre o trabalho e o habitar dos moradores idosos da Favela do Beco de Sousas em Campinas em relação a seus descendentes.

A CRÍTICA AO CONCEITO DE “EXCLUSÃO SOCIAL”

O conceito de ‘exclusão social’ é amplamente utilizado para explicar as desigualdades sociais em geral. Essa forma de análise se estende à realidade da habitação de favelados, sem-tetos, sem terra, moradores de rua, entre outros setores mais expropriados das classes trabalhadoras urbanas e rurais.

A base destas reflexões está em José de Souza Martins, ‘Exclusão social e a Nova Desigualdade’ (1997) e em Robert Castel, “As armadilhas da exclusão” (2004), para uma crítica ao uso generalizado do termo de “exclusão social”.

Martins (1997) aborda a questão das desigualdades sociais do ponto de vista da importância das experiências de educação popular e de como

educar o educador. O centro da discussão crítica do autor é o problema da ‘exclusão social’ e da ‘coisificação conceitual’, dos enganos gerados pela transformação do conceito em uma palavra sem sentido.

Conforme o autor, não existe ‘exclusão social’ no sentido literal. As definições dadas por muitos educadores sobre este conceito negam sua própria concepção. Quando abordam as situações ditas de ‘exclusão social’, estão na realidade se referindo a situações de ajustes econômico, social e político, decorrentes do próprio processo capitalista contemporâneo no país. Na realidade, sem saber, muitas análises acabam explicando problemas de ‘inclusão’ ou de ‘re-inclusão’ em outro conjunto de dificuldades, de modos e problemas sociais decorrentes de uma inclusão mais precária, instável ou marginal que a situação anterior. Portanto, há uma ‘Inclusão daqueles que estão sendo alcançados pela nova desigualdade social produzida pelas grandes transformações econômicas e para as quais não há senão, na sociedade, lugares residuais (MARTINS, 1997, p. 26).

Afirma ainda que o conceito de ‘exclusão social’ torna-se impróprio, distorcendo o problema social que pretende explicar ao ser indiscriminadamente utilizado, o que empobrece a interpretação de uma ‘inserção social aviltada’ vivenciada pelos setores mais expropriados das classes trabalhadoras. O problema da ‘exclusão’ nasce com a sociedade capitalista que tem como lógica desenraizar e excluir, pois tudo deve ser lançado e submetido ao mercado, por meio do movimento e a circulação das mercadorias. Menciona o exemplo dos imigrantes italianos e espanhóis que vieram para o Brasil entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX, porque estavam sendo desenraizados na Europa e se tornando trabalhadores assalariados no Brasil. Segundo o autor “... a sociedade capitalista desenraiza, exclui, para incluir, incluir de outro modo, segundo suas próprias regras, segundo sua lógica própria.” (MARTINS, 1997, p. 32).

A história do distrito de Sosas, nesse mesmo período, é marcada profundamente pela presença de imigrantes como força de trabalho nas fazendas da região norte da cidade. Conforme Lopes, em “Classes Trabalhadoras de Sosas em Campinas (SP)” (2007), alguns bairros mais antigos de Sosas formaram-se de italianos¹ em sua maioria, como o bairro Jd. Belmonte e o centro do distrito, resultado das migrações européias vindas para o trabalho na produção cafeeira.

A favela do Beco,² por sua vez, recebeu grande parte de ex-colonos,

¹ Ver Sevá (1961). O livro conta a saga de uma família, durante a imigração de trabalhadores rurais italianos, contratada pela fazenda São Luciano, que parte de Gênova em 3 de agosto de 1891 e chega a Sosas, ‘uma vila de mil e poucas almas, cortada pelo rio Atibaia’ (p.45).

² A favela do Beco está situada em uma região de alto poder aquisitivo às margens do rio Atibaia, área de proteção ambiental – APA, desde 2001. A rua da favela, ‘15 de novembro’, era ligada ao outro lado do rio, mas em umas

que perderam seu lugar no meio rural devido ao processo de modernização capitalista do campo, intensificada a partir das décadas de 1960 e 1970. A área da favela é dividida em duas partes, separada pelo ribeirão dos Pires e por muitas árvores, por isso é chamada de Beco um e Beco dois pelos cadastros oficiais. Como os moradores estão muito próximos internamente, inclusive por relações de parentesco, foi utilizado apenas o termo 'Beco', como é mais conhecido.

A senhora Isabel,³ falecida em 2007, era viúva quando deu seu depoimento, nascida em 1917 no município de Bebedouro (SP), veio para Sosas junto com a família extensa, após serem dispensados da fazenda de café em que trabalhavam. No distrito, ainda como trabalhadores rurais, foram obrigados a pagar aluguel, mas com o passar do tempo não puderam mais arcar com essa despesa devido a uma das mais antigas questões sociais da pobreza no país, o difícil equilíbrio entre trabalhar e morar, entre comer ou pagar por um teto. Junto com outros poucos moradores iniciaram o processo de construção dos primeiros barracos da favela na década de 1970, seu barraco foi sendo contornado por outros, com filhos, netos e bisnetos (LOPES, 2008a).

... eles [fazendeiros] tinham lá os prazos deles, dispensavam... , penso eu, pra não ficar empregado muito velho e depois ter de pagar uma grande indenização. Então chegava uma certa época de serviço,... eles dispensavam. Depois se quisesse de novo reatar, pegar de novo aquele empregado, a gente [a família] voltava. E a gente foi assim, morei muitos anos na fazenda Santana também, com idas e vindas... Isso foi uma época que construíram a Vila Santana [COHAB, década de 1960] e meu pai foi um dos contemplados. Mas, como a gente era muito, eu e os meus três irmãos, a gente era criança. ... Então a gente não conseguiu manter, pagar as prestações... perdemos a casa e aí viemos pro Beco (Sra. Vera).⁴

Em 2008 a favela do Beco possuía 34 famílias e cerca de 170 pessoas, em sua maioria mulheres como chefes de família. São 12% de zero a dez anos; 25% de dez a vinte anos; 45% de vinte a cinquenta anos; 17% de cinquenta a oitenta anos; 1% de 80 a 100 anos.⁵

Em 2004, segundo cadastro oficial da COHAB, o número de famílias era de cinquenta e seis, totalizando 240 pessoas e indicava que 67,80% eram mulheres chefes de famílias, e 51,91% de crianças e de jovens, até vinte e um anos. Em 88% dos casos dos moradores, a situação de trabalho

enchentes a ponte caiu. A rua ficou sem saída, por isso passou a ser chamada de 'Beco' e às vezes de 'Beco do Mokarzel', porque a favela está em terras dessa família. Nova ponte foi construída na Av. Isabelita Vieira, a principal de Sosas.

³ Todos os nomes de moradores são pseudônimos.

⁴ Sra. Vera nasceu em Sosas (1953), solteira, dois filhos, doméstica, filha do Senhor Divino.

⁵ Fonte: Cadastro do Posto de Saúde de Sosas. Programa Paidéia, Ministério da Saúde (janeiro 2008).

era precária: sem registro em carteira 45,76%; desempregados 42,37%. A renda dos que estavam trabalhando (84% dos casos) era em torno de um e três salários mínimos.

O que se observa é que a favela diminuiu em vinte e duas famílias, entre 2004 e 2008, correspondendo a cerca de setenta habitantes a menos, devido a um processo planejado e paulatino de retirada dos moradores por parte da prefeitura, o que evita conflitos diretos, caso fosse anunciado um despejo coletivo ostensivo no local.

Chama a atenção nos depoimentos dos trabalhadores mais velhos da favela a intensa mobilidade e a quantidade de empregos durante a vida, além da variedade de trabalhos realizados, tanto no campo, como na cidade, desde as primeiras décadas do século XX até em torno dos anos de 1970 (LOPES, 2007).

Um dos depoimentos mais expressivos é o de um trabalhador negro, Senhor Divino, nascido, em 1914, na fazenda Sertãozinho em Sousas, pai de dez filhos (entre eles, a Sra Vera), mesmo tendo algumas falhas de memória, ao nomear fazendas, empresas e locais pelos quais passou. Conta que trabalhou e morou na Fazenda da 'Paula Cunha' (onde 'lavava panelas de ferro') e em outras, como a do Sertãozinho, Paredão, Coutinho, Santana e chácara 'do Penteadão'. Viveu ainda em cidades do interior de São Paulo, como Nova Odessa, Santa Bárbara D'Oeste e Botucatu. No primeiro local foi 'caixeiro' de um armazém, no segundo município era 'saqueiro' e vivia em uma 'colônia' da usina de açúcar. Ainda em Santa Bárbara D'Oeste também trabalhou na empresa 'Máquinas Agrícolas Home Ltda'. Em Botucatu foi 'regulador' e 'saqueiro' de café da 'Empresa Rubião Junior'. Voltou para Sousas por volta de 1946, para a chácara 'do Penteadão'. No local da favela do Beco em Sousas, chegou a alugar uma das várias 'casinhas' que havia antes de todas serem demolidas, devido às enchentes. Ar riscou inclusive um financiamento da COHAB na Vila Santana, na década de 1960, situada no próprio distrito, mas perdeu por falta de estabilidade no emprego. Por último, foi parar em um barraco na favela do Beco onde vive cercado por várias filhas, netos e bisnetos.

Começou a trabalhar com oito anos, em uma ferraria, limpando o local, cortando capim e 'puxando fole'. Em Campinas, contou que foi garçom na casa da Baronesa de Paranapanema. Voltou para Sousas a pedido da mãe e foi 'barrilheiro', isto é, carregava água para servir aos trabalhadores em uma das citadas fazendas. Em empregos mais urbanos em Sousas, foi 'saqueiro' no Armazém de secos e molhados da família 'Bordão'; tirou areia do rio Atibaia para a família 'Domira', que seguia para o centro da cidade de trem para a construção civil. Foi 'regulador' e 'saqueiro' de café também da Companhia Paulista de Estrada de Ferro em Campinas. Como guarda noturno, passou por vários empregos, inclusive postos de gasolina ou loja de materiais de construção em Campinas, enquanto durante o dia cuida-

va de uma chácara ou trabalhava em uma das fazendas da região de Sousas. O senhor Divino lembrou orgulhoso, várias vezes, de sua ‘honestidade’ e do respeito adquirido como trabalhador por onde passou, apesar das ‘dificuldades da vida’.

A constante instabilidade de trabalho e de moradia entre esses setores das classes trabalhadoras evidencia o problema de uma ‘inclusão’ instável, o que não é um fenômeno social novo. O que se destaca sobre a questão da ‘exclusão’ e da ‘reinclusão’ social contemporânea é que esta última vem se tornando cada vez mais longa. No passado a reinserção precária, principalmente por meio do trabalho, (que podia exigir outra moradia e vizinhança), se dava de forma mais rápida (MARTINS, 1997).

O capitalismo das últimas décadas, porém, criou grandes contingentes de trabalhadores com poucas chances de serem ‘reincluídos’ nos padrões de desenvolvimento econômico estabelecidos pela globalização. O período de passagem da exclusão para uma inclusão mais precária está se transformando em um modo de vida, é mais do que um período de transição entre um trabalho e outro. A reinclusão pode até acontecer no plano econômico, quando os indivíduos obtêm algum dinheiro para sobreviver, mas a reintegração no plano moral e social não acontece. Um dos exemplos citados pelo autor é o caso de crianças de Fortaleza que se prostituem para sobreviverem. São ‘incluídas’ como prostitutas vendendo um ‘serviço’ ao mercado em troca de algum dinheiro, mas têm sua dignidade e sua condição humana comprometida: ‘elas se integram economicamente, mas se desintegram moral e socialmente’ (MARTINS, 1997, p. 34).

Esse processo cria uma ‘sociedade paralela’, cresce no Brasil outra sociedade que o autor chama de ‘subumana’, entre o limiar do trabalho precário e atividades ‘escusas’ devido às insuficiências e privações que se desdobram para fora do universo econômico. É esse o significado do conceito de ‘nova desigualdade’ que atinge diretamente a sociabilidade da cultura do habitar (LOPES, 2008a) na cidade e no campo, os modos de vida nos espaços da moradia.

A nossa sociedade está se transformando numa sociedade dupla, duas “humanidades” na mesma sociedade. ...Todos inseridos, de algum modo, decente ou não, no circuito reprodutivo das atividades econômicas: todos têm o que vender e o que comprar... (MARTINS, 1997, p. 35).

Portanto, o que o autor chama de ‘nova desigualdade’ é o que separa materialmente os indivíduos, embora podendo unificá-los ideologicamente. Um indivíduo na favela ou um milionário pode, ao apertar o botão de uma televisão, mergulhar em um mundo de fantasias e de luxo das grandes ficções inventadas pela comunicação de massa. Nela aparecem as mesmas mercadorias, as mesmas idéias individualistas e a mesma competição, po-

rém as oportunidades são drasticamente desiguais, mas não no sentido clássico do aparecimento das classes sociais na sociedade capitalista industrial. As novas categorias sociais, segundo o autor, são geradas por processos de exclusão e reinclusão cada vez mais degradada do ser humano, afetando diretamente o potencial político de transformação da sociedade, com tendências para o conformismo (ou a violência). Analisar a questão da ‘privação moral’, levando-se em conta também a visão de mundo dos próprios trabalhadores atingidos, é fundamental para o entendimento dessa realidade que não se restringe mais à falta de condições básicas de sobrevivência econômica.

Convém ter presente que a exclusão não se explica apenas pelo fenômeno em si, mas também, e, sobretudo, **pela interpretação que dele faz a vítima**. Esse é outro aspecto da exclusão, que sugere a importância e a necessidade de uma fenomenologia dos processos sociais excludentes. Não só produz ela uma reinclusão em relações sociais precárias e marginais, como produz também uma reinclusão ideológica no imaginário da sociedade de consumo e nas fantasias pasteurizadas e inócuas do mercado, qualquer que seja ele, até mesmo o mercado dos valores da tradição ou da dignidade humana (MARTINS, 1997, p. 21). [grifo dos autores]

Nos relatos dos moradores idosos da favela é evidente a valorização da transmissão oral baseada em certos saberes do passado, um ‘ethos’ que destaca uma cultura do habitar e do trabalho vivenciada em um modelo de desenvolvimento econômico muito distinto de períodos mais recentes da sociedade brasileira. Alguém da família estar sem trabalho é uma situação inaceitável ou incompreensível.

É... , esse tempo todo eu tava na luta. **Hoje eu vejo homem novo que levanta meio-dia, onze horas... . Para mim é meio doente**. Minha luta... eu trabalhava com gado. Trabalhei anos, sem parar, na estrada. ... Tenho sete filhos. Agora, que eu criei, tem mais. Tem o João, Paulo, Maria, só aqui em São Paulo eu criei... Agora, na Bahia, tem mais uns quatro ou cinco [dificuldade de lembrar nomes dos sete filhos]. ...Deitava assim no terreno, a lua bonita, **eles [filhos] rodeava, ficava tudo conversando...Ensinava o jeito da vida. Como vai, como não vai... Como continuar pra frente, ensinar umas coisas que... pra bem. Hoje não tem criação...** Hoje é tudo na vaidade... Boca suja batia na boca. Hoje acabou-se isso. Quando as crianças nasce já tá falando palavrão, né? Daí não dá certo. **Acabou. Acabou o Brasil**. (Sr. Mário)⁶ [grifo dos autores]

Ao lembrarem a vida, explicitam um profundo estranhamento em relação ao cotidiano marcado pela violência, pelo desemprego dos mais jovens, a proximidade com o tráfico de drogas e uma preocupação constante

⁶ Nasceu em 1906 em Feira de Santana, na Bahia. É pai de sete filhos naturais e outros adotivos, cujos nomes tem dificuldade de lembrar. Trabalhou durante toda a vida como peão, transportando gado de uma fazenda para outra sem se fixar em uma única fazenda. Deixou sua terra natal e veio para São Paulo de caminhão junto com a família e só depois chegou ao distrito de Sousas para trabalhar em várias fazendas da região, como a Fazenda Anhumas.

com o futuro do país.

O que significa que a expectativa, principalmente das novas gerações, por uma oportunidade de ascensão social pelo estudo, um emprego, não tem mais qualquer relação com a ética de trabalho das gerações anteriores, que incluía o sacrifício pelo futuro de filhos e netos. (LOPES, 2008^a, p. 92)

O entendimento da precariedade da inserção social das novas gerações das classes trabalhadoras através do estudo e do trabalho, porém, não pode ser limitado ao conceito de ‘exclusão social’. Em ‘As Armadilhas da Exclusão’ (2004) o autor questiona igualmente os usos e abusos do termo de ‘exclusão’ tendo como referência a realidade social da França nos anos de 1990, ‘época de explosão deste tema’, quando o país atingiu cerca de três milhões de desempregados (CASTEL, 2004, p. 17). O objetivo do autor é analisar as razões de seu uso ilimitado, sugerindo uma aplicação reservada do termo ou até mesmo substituí-lo por outra noção para nomear e analisar o que denomina de ‘riscos e fraturas sociais atuais’.

Uma das razões para se desconfiar do conceito é a heterogeneidade de seus usos, que designa várias situações distintas, encobrando a especificidade de cada uma. Propõe comparar duas situações de ‘exclusão social’, uma é a de um desempregado que perdeu seu trabalho há muito tempo e acabou se isolando na esfera doméstica, por não ter mais encontrado trabalho. A outra realidade é a de um jovem da periferia da França que vive muito mais no espaço público e vê a esfera privada como algo distante. Um trabalhou durante muito tempo e foi socializado por sua atividade profissional, o jovem da periferia nunca teve um trabalho regular. O desempregado está preso a uma vida privada e o jovem inativo lança sua vida de privações no espaço das ruas. Podemos chamar as duas situações de ‘exclusão social’, mas os dois casos expressam experiências de vida completamente distintas.

... falar de exclusão conduz a autonomizar situações-limites que só têm sentido quando colocadas num processo. A exclusão se dá efetivamente pelo estado de todos os que se encontram fora dos circuitos vivos das trocas sociais.... esses “estados” não têm sentido em si mesmo. São o resultado de trajetórias diferentes. De fato não se nasce excluído, não se esteve sempre excluído... (CASTEL, 2004, p. 21).

Para o autor, na maior parte dos estudos sobre casos de ‘exclusão’, o que se nomeia na verdade são situações de ‘degradação’ social, como é o caso da situação instável em que vive um trabalhador precário ou de um indivíduo que ocupa uma moradia de onde pode ser expulso a qualquer momento. Em sua opinião é importante destacar que hoje é impossível traçar fronteiras claras entre ‘zonas’ sociais que separam indivíduos estáveis dos demais, porque a precarização das relações de trabalho vão tornando os sujeitos integrados cada vez mais vulneráveis. Essas ‘zonas’ de vulnerabilidade da vida social oscilam cotidianamente para aquilo que se habituou chamar

de ‘exclusão social’. Existem muitos ‘fatores’ que antecedem as situações de ‘exclusão’ e provocam ‘fraturas sociais’, como a decisão de uma empresa de se retirar de um país ou cidade, flexibilizar contratações estáveis, entre outros exemplos. Geram situações-limite atingindo diretamente a própria organização do conjunto da sociedade. Na maioria dos casos o sujeito excluído é marcado por uma trajetória constituída por rupturas em relação ao estado de equilíbrio anterior, mais ou menos estáveis ou até mesmo instáveis, de moradia, trabalho, educação, saúde etc.

Os moradores de favelas, como a do Beco, são exemplos de situações limites. Convivem com ameaças de enchentes e constantes possibilidades de despejo desde a década de 1970, com promessas de uma solução habitacional municipal em anos recentes que não se realizou, além do desemprego ou trabalho precário e a violência, características da ‘nova desigualdade social’ que inclui a degradação moral.

A favela estudada, com perfil feminino, além das enchentes, enfrentou várias tentativas de despejo ao final dos anos de 1990, conforme afirma dona Vera, uma das principais lideranças informais desse lugar. Ela soube da notícia do despejo por um jornal que lia na casa de família onde trabalhava. Dizia que seriam removidos devido às enchentes e teriam ‘destino desconhecido’ (LOPES, 2008^a, p. 85).

Esse processo geral de desestabilização, de paulatina desagregação das proteções sociais ligadas ao trabalho, é que explica a vulnerabilidade massiva das classes trabalhadoras, sintetizadas na idéia genérica de ‘exclusão’ social (CASTEL, 2004).

Ricardo Antunes e Giovanni Alves, em ‘As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital’ (2004), analisam as principais mudanças do mundo do trabalho com o intuito de apresentar uma visão alternativa e diferenciada com relação às idéias que defendem o esgotamento ou fim do trabalho e da classe trabalhadora. Entre outras importantes questões analisadas, indiretamente reforçam a preocupação levantada por Martins (1997) e Castel (2004) quanto aos efeitos da degradação moral na vida social, especialmente quando se referem aos ‘estratos precarizados da força humana de trabalho, que vivenciam as condições mais desprovidas de direitos (...)’ (ANTUNES; ALVES, 2004, p. 348).

Apontam várias tendências de ‘mutações do trabalho’, marcado pelo desemprego estrutural, entre elas a ‘crescente exclusão dos jovens, que atingiram a idade de ingresso no mercado de trabalho’ e ainda a ‘exclusão de trabalhadores considerados ‘idosos’ pelo capital, com idade próxima de quarenta anos (...)’. Destacam também os “herdeiros da ‘cultura fordista’, fortemente especializados, que são substituídos pelo trabalhador polivalente e multifuncional da era toyotista”. (ANTUNES; ALVES, 2004, p. 339).

Sublinham que emerge uma ‘alienação/estranhamento’ própria da fase

de ‘mundialização do capital’ que limita ou impede o desenvolvimento de uma ‘subjetividade autêntica’ do trabalhador. Isso se deve aos objetivos do ‘toyotismo’ que radicaliza ‘a contradição entre racionalidade intra-empresa e irracionalidade societal’. Como maquinaria complexa e informatizada (diferente do fordismo, que pretendia uma sociedade racionalizada) desumaniza e barbariza a vida daqueles indivíduos precarizados ou expulsos do mundo do trabalho, esvaziando o sentido moral e ético de suas existências. (ANTUNES; ALVES, 2004, p. 345).

Aumentam os focos de contradição entre os desempregados e a sociedade como um todo, entre a ‘racionalidade’ no âmbito produtivo e a ‘irracionalidade’ no universo societal. **Os conflitos tornam-se um problema social, mais do que uma questão empresarial, transcendendo o âmbito fabril e atingindo o espaço público e societal.** (ANTUNES; ALVES, 2004, p. 348-349) [grifo dos autores]

Essa realidade caracterizada pelos autores como ‘desumanização segregadora’ dos indivíduos provoca o surgimento de variadas formas de criminalidade, com riscos de ‘explosões sociais’, como já vem ocorrendo nas periferias de várias partes do mundo nas últimas décadas, incluindo a América Latina, devido ao aprofundamento das desigualdades sociais.

Diante dessa complexa realidade contemporânea em transformação constante, como situar fenômenos sociais como os da memória e identidade? E para os setores das classes trabalhadoras mais expostas a toda sorte de vulnerabilidade social?

MEMÓRIA, IDENTIDADE E CULTURA

Uma das referências principais deste trabalho, Lucília de Almeida Neves, em “Memória, história e sujeitos: substratos da identidade” (1998), afirma que a metodologia da história oral possibilita que a ‘memória’ seja utilizada como processo de construção e reconstrução de lembranças individuais e coletivas no tempo presente. Uma de suas potencialidades é a capacidade de buscar evidências históricas, ultrapassando o tempo de vida individual. Por meio de relatos orais sobre a vida cotidiana e experiências vividas, é possível perceber uma relação dinâmica entre tradições e mudanças nas representações sociais da realidade. Afirma que (...) a memória (...) se constitui também como base da identidade, por meio de um processo dinâmico, dialético e potencialmente renovável, que contém as marcas do passado e as indagações e necessidades do tempo presente (NEVES, 1998, p. 113).

De fato, nesse processo, há inconfundíveis marcas da memória dos moradores mais velhos da favela do Beco. Emergem do passado para inda-

gar sobre o presente, depoimentos analisados a partir de oito entrevistas de história oral, aprofundadas, que apontam um conjunto de certos valores morais e éticos de trabalho e de moradia, que integraram a cultura das classes trabalhadoras durante a maior parte do século XX. A questão é discutir se essa memória social e individual construída e formada predominantemente na cultura fordista ainda pode ser transmitida e considerada estruturante de identidades sociais de outras gerações na fase do capitalismo pós-industrial, especialmente a partir das décadas de 1980 e 1990.

Em ‘História Oral e narrativa: tempo, memória e identidades’, Lucília de Almeida Neves Delgado (2003) afirma que a memória é um dos fundamentos da vida humana, permitindo que a ‘experiência existencial’ se integre ao cotidiano.

As narrativas, tal qual os lugares da memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições (...). São importantes como estilo de transmissão, de geração para geração, das experiências mais simples da vida cotidiana (...). (DELGADO, 2003, p. 21-22)

A memória, como é reconhecida, tem como função social ser o suporte da identidade coletiva e apresenta aspectos individuais e coletivos que estão relacionados com a inserção do indivíduo como sujeito do processo de construção histórica (NEVES, 1998). Mas, o que se viu é justamente uma percepção de ruptura na continuidade de uma determinada dimensão cultural de sociabilidade na moradia e no trabalho para as classes trabalhadoras, especialmente aqueles setores de menor poder aquisitivo.

... Trabalhava em Sousas, Campinas e todo lugar que eu achava... trabalhava de pedreiro profissional, ... até em firma. ... sete anos no BNH, trabalhei numas pá de firma de Campinas. Depois... fazia serviço por minha conta,... era difícil. Mas, graças a deus eu fui trabalhando,... e acabei vencendo... estou realizado... Agora são meus filhos que cuidam de mim, da minha esposa, tenho tudo, graças a deus... Aposentei por invalidez... **De uns anos para cá vem tendo uns acontecimentos. Você sabe né? O lugar cresce... Aí começou a matar gente em Sousas.** Aí entrou aquele negócio de [pausa para pensar]. **Não tinha nem droga. Aí começou a entrar droga, as crianças começaram a usar droga, aí está difícil... em Sousas inteiro. Mudou bastante...** A gente acompanha por jornal tudo... Muito filho, você sabe como é que é. Muitos filhos,... têm uns que é com o sangue meio quente, os filhos da gente [pausa para pensar]. Não é igual o pai e a mãe, que é tudo certinho. Filho é mais novo né, você sabe, então o negócio não é fácil. (Sr. Luis)⁷ [grifo dos autores].

⁷ O Sr. Luis nasceu em 1940, em Pernambuco, pedreiro, casado, pai de dez filhos, a maioria nasceu no ‘Beco’. Não se considera morador da favela porque vive em uma casa de alvenaria que ele mesmo reformou inteira, após uma histórica enchente na década de 1970. Na época a família Mokarzel, proprietária da área da favela, deixou que permanecesse no local, assim como os demais moradores.

Nos relatos é evidente a dificuldade na transmissão de certa tradição de ‘heranças identitárias’ e da ‘memória’ coletiva, com base em narrativas orais de gerações mais velhas entre os setores sociais mais atingidos pela degradação das condições de vida material e moral. O Senhor Divino ao recordar a infância em Sousas, destaca a sociabilidade no local da moradia, sublinhando várias vezes os vínculos de solidariedade entre vizinhos e parentes, todos negros. Ao mesmo tempo assinala diretamente o fim dessa cultura do habitar, percebendo-se só, isolado, sem ter a quem responsabilizar pela situação em que se encontra.

...não tinha televisão, não tinha rádio, não tinha nada. Ai chegava as veis tinha as colegas da minha mãe, as patriçada [comunidade negra] lá, aí contava os causos delas ali né? ... As veis nós comia na casa do pessoal... Era tudo unido. Aí chegava lá: – Oh Dona Rosa, eu truce um pedaço de carne pra senhora! Minha mãe fazia pão no forno, e fazia aqueles pãozão e levava pras ôtras. Aí: – Oh, Dona Fulana, oía aqui pra senhora! Ai chegava o outro: – Oh, Dona Rosa, lá em casa tem uma verdurinha, a senhora não quer? – Quero sim! E dá ela pra cá. Chegava outro: – Oh, Dona Rosa, tem um chícara aqui pra fulano? E era assim, um era unido com o outro. Hoje é diferente. Hoje um não faz um servicinho sem querer ganhá. ... Não tem mais união não. O pessoal aí do Beco aí. ... Se eu falar pra senhora aqui, pega esse prego aqui ali. – ‘Quanto é que cê vai me pagar?’ É. E eu? Não tenho pra pagá. (Sr. Divino).

A crise de determinados princípios e valores coletivos que estruturaram a vida social e política dos trabalhadores na fase do capitalismo industrial também pode ser compreendida em outra discussão sobre desigualdade social. Bernardo Sorj, em “A democracia inesperada: cidadania, direitos humanos e desigualdade social” (2004), discute as contradições que ‘dilaçeram o mundo contemporâneo’, marcado pelo fortalecimento da sociedade civil na luta por valores igualitários de um lado, e de outro, tendo que enfrentar a crescente ‘desigualdade socioeconômica’ e a multiplicação dos problemas sociais, em particular a violência. No Brasil e na América Latina, conforme o autor, essa questão é crucial porque, paradoxalmente, acontece em meio a processos amplos de experiências de democratização destas sociedades (SORJ, 2004, p. 13).

Discute questões de identidade - historicamente relacionada às lutas pela igualdade – e afirma que na sociedade ‘pós-moderna’ ou na sociedade da ‘alta modernidade’, a noção de igualdade passou a ser substituída pelas lutas que demarcam diferenças sociais. Afirma que o indivíduo contemporâneo não tem mais base na tradição e é marcado por uma ação reflexiva subjetiva permanente, esta sendo a ‘figura central’ dessa nova fase da modernidade. Destaca que a ausência de uma solidez nas identificações coletivas e ideológicas faz com que o indivíduo contemporâneo se fragmente em redes e grupos de referências cada vez mais diversificados e mutantes. No

período moderno clássico, ainda existia um sistema de valores relativamente sólidos em torno de instituições como educação, profissão, matrimônio etc. Na sociedade contemporânea, porém, o indivíduo vivencia uma sensação constante de incertezas sobre seu lugar no mundo e seu futuro.

Ainda conforme o autor há um amplo processo de ‘desinstitucionalização’ do indivíduo devido ao enfraquecimento de mecanismos que o vinculavam diretamente à sociedade ou ao sistema cultural. Vive em um espaço no qual a noção de tempo se encontra desassociada do senso de história, sem ter a quem responsabilizar por seu sofrimento, a não ser a si mesmo. A subjetividade do indivíduo torna-se o centro de suas preocupações.

A ‘nova modernidade’, para esse autor, cria um indivíduo cada vez menos vinculado às questões coletivas. Encontra-se ‘desprotegido’, isolado subjetivamente e sujeito à dominação, agora anônima, buscando novas maneiras de pertencer e de reivindicar proteção e reconhecimento social. Nas lutas pelas diferenças, o indivíduo torna-se limitado para a construção de uma ‘utopia social inclusiva’. Nesse caso, a questão da desigualdade social se torna significativamente mais importante no interior do próprio grupo social e não para as classes trabalhadoras como um todo.

As identidades coletivas contemporâneas, ao tentarem alguma estabilidade diante das transformações sociais e do próprio individualismo, ampliam organizações de grupos de afinidades relacionadas a problemas bastante específicos, como a vida no bairro, na igreja ou na escola.

A noção de desigualdade social passa a ser múltipla, de forma que um indivíduo concreto pode estar inserido em posições diferentes, dependendo do grupo de referência. Assim, por exemplo, pode encontrar-se na parte superior da pirâmide, do ponto de vista do emprego ou da renda, mas em posições inferiores se identificado a um grupo racial, étnico ou de gênero. (SORJ, 2004, p. 58).

Esta análise, como as dos demais autores, contribui para uma compreensão das transformações históricas mais amplas que relacionam identidade e memória, identidade e desigualdades sociais, como diversas outras questões importantes para se entender a realidade contemporânea.

Tais discussões indicam que, para determinados setores sociais, as consequências da perda ou enfraquecimento dos processos identitários, presentes na cultura do trabalho e do habitar, seriam mais intensas, como é o caso dos moradores idosos da favela do Beco do distrito de Sousas em Campinas. Há uma ruptura que se manifesta na impossibilidade de transmissão da memória cultural, simbólica e afetiva para as gerações mais jovens, fenômeno social muito pouco visível.

Por outro lado, se se examinarem os discursos dominantes contra os jovens desses mesmos setores de classes, há uma ampla visibilidade pública. Vistos predominantemente como desviantes, transgressores, desde a

família até outras instituições fundamentais para os processos identitários, a (re)produção de estigmas é intensamente dirigida aos jovens para explicar, por exemplo, a falta de interesse nos estudos, a falta de trabalho ou de estabilidade nos empregos que conseguem.

A escola pode ser um exemplo dessa realidade social, instituição calçada em expectativas culturais e sociais construídas em outros períodos históricos do capitalismo no Brasil, apresentando problemas para entender as transformações que se manifestam na sociabilidade dos jovens das classes trabalhadoras em suas experiências urbanas contemporâneas. Rodrigo Torquato da Silva, em “Escola-favela, conhecimentos, transgressão e poder – esses meninos não têm jeito?” (2009), relata um episódio emblemático para se entender essa realidade. Conta que chegou à escola pública onde leciona e encontrou um jovem negro, aparentando 18 anos, tentando retornar aos estudos. Colocou no chão caixas de isopor, sacos plásticos com materiais recicláveis e outros objetos pegos na rua. Tratava-se de um ambulante que desejava se matricular e sua presença causava tensão no ambiente escolar. Segundo o autor, o ponto central do conflito era a falta de endereço. O rapaz afirmou várias vezes que morava na rua, “... embaixo da marquise do Banco (...) na Rua Amaral Peixoto (...). Minha senhora, eu moro na rua. Trabalho como ambulante vendendo bebidas na praia, catando latinhas etc. (...) Estou vindo aqui porque quero voltar a estudar”. A representante administrativa da escola queria o CEP, mas, como não obteve, decidiu: ‘Sem endereço, não posso matricular!’ ” (SILVA, 2009, p. 93). Esse jovem, ambulante e morador de rua, muito provavelmente é identificado pela cultura escolar como um indivíduo ‘excluído social’, por não ter endereço e um trabalho reconhecidos legalmente.

UMA TENTATIVA DE CONCLUSÃO

As intensas mudanças sociais em curso modificaram os modos de transmissão de identidades coletivas, sendo percebidos como processos sociais alarmantes a partir de certas discussões teórico-conceituais e políticas em temas diversos, como o trabalho, família, escola, cidade, entre outros.

As questões levantadas neste estudo, sobre a memória social referentes à cultura do habitar e do trabalho de gerações idosas de trabalhadores, que vivenciam um intenso ‘apartheid’ sócio-espacial, estão sendo problematizadas também além das fronteiras nacionais. São fenômenos sociais muito mais amplos, globalizados, como as revoltas da juventude das classes trabalhadoras da França que, desde a década de 1980, estão sendo estudados no sentido de compreender a condição operária ‘após a classe operária’ (BEAUD; PIALOUX, p. 2005).

Um dos efeitos paradoxais da flexibilização dos estatutos profissionais, do aumento da precariedade e do crescimento das desigualdades econômicas, instaurados desde os anos 1980, é que elas reintroduziram, de maneira quase automática e sem dúvida inevitável, as mesmas formas de indisciplina presente nos primórdios da revolução industrial. ...Mas hoje, ao contrário do século XIX, quando essa situação era generalizada nos meios populares, as desordens urbanas, pequenas delinquência e 'virações' cotidianas frequentes são mal vistas porque **materializam a cisão entre os 'velhos operários' e os 'jovens sem inserção' escolar ou profissional**. Os primeiros, vivendo sob o duplo efeito de sua vulnerabilidade social e do envelhecimento, vêm fragilizado o controle que exerciam sobre os segundos, mesmo tratando-se de seus próprios filhos. (BONELLI, 2008: 33) [grifo nosso]

O que essas interpretações têm em comum é o desafio de uma leitura crítica que ultrapasse a explicação simplificada através do conceito de 'exclusão social' para pensar a trágica realidade das 'duas humanidades' (MARTINS, 1997), enfim a degradação moral da vida social também analisada por Castel (2004). Especialmente quando se referem, conforme Antunes e Alves (2004), aos setores mais desprotegidos de direitos sociais da sociedade pós-industrial.

Os trabalhadores idosos da favela do Beco em Campinas receberam de seus antepassados um conjunto de valores identitários relativos às culturas do habitar e do trabalho que ainda hoje são valorizados por esta geração. Porém, demonstram profundo estranhamento diante das novas gerações (citam desemprego, drogas, violência) e mesmo preocupação com o destino do país. Sentem-se desqualificados de sua maturidade e experiência de vida, sem espaços para transmitirem suas memórias individuais e coletivas no interior do próprio grupo familiar, diferentemente do que ocorria entre seus antepassados, seja no trabalho ou no local de moradia.

Quanto ao uso indiscriminado do conceito de 'exclusão social', viu-se que encobre uma realidade muito heterogênea e complexa, dificultando sua interpretação e desvendamento. Em sua fase pós-industrial, o processo de 'reinclusão' dos trabalhadores desempregados ou precarizados é longo ou não acontece mais, diferentemente de sua fase industrial, atingindo drasticamente mais aos jovens.

No Brasil, o desemprego entre jovens de quinze a vinte e quatro anos, foi 3,5 vezes maior (46,6%) que o dos adultos, no período de 2000 a 2005. (POCHMANN, 2008). Essa população está ingressando em um mundo social 'revirado', obrigados a construir trajetórias de vida muito diferentes das gerações anteriores que vivenciaram a racionalidade do 'mundo fordista' dentro e fora da fábrica (TELLES, 2006).

A cultura do trabalho e do habitar a cidade – estruturadores de identidades sociais – tornam-se cada vez mais fragilizadas, destituídas de sentido humano para os 'sobrantes' do capitalismo pós-industrial. Os trabalhadores

estão submetidos a todos os tipos de arranjos sociais lícitos e ilícitos para viverem em espaços cada vez mais segregados da cidade, criando possíveis novas estratégias de resistências que ainda necessitam serem conhecidas, reveladas pelas ciências humanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, R.; ALVES, G. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. *Revista Educação & Sociedade*, Campinas, vol. 25, n. 87, p. 335-351, maio/ago. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21460.pdf>. Acesso em: 1º abr. 2008.
- BEAU, S.; PIALOUX, M. Rebeliões urbanas e a desestruturação das classes populares (França, 2005). Tradução de Vera Telles e Revisão de Sergio Miceli. *Tempo Social*, Revista de Sociologia da USP, v.18, n.1 (Dossiê Sociologia da Condição Operária) FFLCH-USP, p.13-36, Jun. 2006.
- BONELLI, L. França: juventude fora de controle. *Le Monde Diplomatique Brasil*. Instituto Pólis. São Paulo. Ano 1, no. 9, abr. 2008, p. 33.
- CASTEL, R. As armadilhas da exclusão. In: BÓGUS, L.; YAZBEK, M. C.; BELFIORE-WANDERLEY, M.. *Desigualdade e a Questão Social*. São Paulo: EDUC, 2004. p. 17-50.
- DELGADO, L. de A. N. História Oral e narrativa: tempo, memória e identidades. *História Oral*, Revista da Associação Brasileira de História Oral, São Paulo, n. 6, jun. 2003.
- LOPES, D. A. *Classes trabalhadoras de Sosas em Campinas (SP)*. Anais do Congresso Brasileiro de Sociologia, 13, 2007, Recife (PE). GT Democracia e inclusão social. 3a sessão. 1º jun. 2007. Recife: UFPE, 2007.
- LOPES, D. A. Desafios da Memória diante da nova desigualdade: a favela do 'Beco' de Sosas, em Campinas (SP). *RESGATE*. Revista de Cultura. Campinas: Área de Publicações CMU/UNICAMP, n.17: 77-96, 2008a.
- LOPES, D.A. Classes Trabalhadoras de Sosas em Campinas (SP): história e cultura do habitar. In LUCENA, C.T.; CAMPOS, M.C.S.S. (Orgs). *Práticas e Representações*. São Paulo: Humanitas/CERU, 2008b. p. 235-255. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/ceru/anais/anais2008_2_ceru09.pdf Acesso em 09 ago. 2010.
- MARTINS, J. de S. *Exclusão e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 7-38.
- NEVES, L. A. Memória, história e sujeito: substratos da identidade. *História Oral*, Revista da Associação Brasileira de História Oral, São Paulo, n. 3, jun. 2000.
- POCHMANN, Márcio. *Valor Econômico (SP): Juventude e políticas sociais*. São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada/IPEA, 2008. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/default.jsp>. Acesso em: 11 jul. 2008.
- SEVÁ, J. *Eles vieram de longe*. Campinas(SP): João Amendola, 1961.
- SILVA, R.T. Escola-favela, conhecimentos, transgressão e poder – esses meninos não têm jeito? In: *Revista de Educação*, Campinas, PUC, n.27, p. 87-96, jul./dez. 2009.
- SORJ, Bernardo. *A democracia inesperada: cidadania, direitos humanos e desigualdade social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- TELLES, Vera da Silva. Mutações do Trabalho e experiência Urbana. *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP. São Paulo, SP: USP. FFLCH, v.18, n. 1, p. 173-195, jun. 2006.